

LIÇÕES DE PATRIOTISMO NA OBRA “PÁGINAS LITERÁRIAS” DE FRANCISCO SILVEIRA BUENO: FORMANDO MENINOS NA DÉCADA DE 1940

*Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas**

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar o livro didático “Páginas Literárias”, produzido por Francisco Silveira Bueno na década de 40 do século XX para os meninos ginasianos. A obra encontra-se dividida em três partes intituladas: Família, Escola e Pátria. Foram analisados os textos na tentativa de investigar como o autor pretendia “incutir na alma do estudante as qualidades que a Pátria e a Religião exigem de seus filhos”, aspecto ressaltado por ele no “prefácio aos professores”. Francisco Silveira Bueno foi professor da Escola Normal Modelo de São Paulo, do Mackenzie College e também catedrático de Filologia Portuguesa na Universidade de São Paulo. Esta investigação está embasada nos pressupostos da História das Disciplinas Escolares e História Cultural e pretende contribuir para a compreensão de elementos da produção didática no período do Estado Novo.

Palavras-chave: Estado Novo. História da Educação. Livro didático. Francisco Silveira Bueno.

Abstract: The purpose of this study is to analyze the textbook “Páginas Literárias”, written by Francisco Silveira Bueno and published in the 40’s in the twentieth century, which was meant for secondary school boys. The work is divided into three parts, entitled: Family, School and Homeland. The texts were analyzed in order to investigate how the author intended “to instil in the soul of the student the qualities that the Homeland and the Religion demanded from their children”, an aspect emphasized by him in the “preface to the teachers”. Francisco Silveira Bueno was a teacher at the Escola Normal Modelo of São Paulo, of Mackenzie College and also professor of Portuguese Philology at the University of São Paulo. This investigation is based on the assumptions of the History of the School Disciplines and Cultural History and intends to contribute to the understanding of elements of the educational production during the period of the New State.

Keywords: New State. History of Education. Textbook. Francisco Silveira Bueno.

* Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, mestre e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Vice-Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições escolares e práticas educativas. Professora do Mestrado e do Doutorado em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Este texto reflete os primeiros resultados da pesquisa de Pós-Doutorado realizada na Faculdade de Educação de São Paulo, sob a supervisão da Profa. Dra. Denice Bárbara Catani, com bolsa do CNPq. E-mail: anagbueno@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é discutir a proposta de formação para os meninos do curso ginásial na década de 40, do século XX, veiculada no livro *Páginas Literárias* de autoria do Professor Francisco Silveira Bueno. Esta investigação está embasada nos pressupostos da História das Disciplinas Escolares e História Cultural e pretende contribuir para a compreensão de elementos da produção didática no período do Estado Novo.

O professor Francisco Silveira Bueno,¹ nasceu em 20 de agosto de 1898, em Atibaia, no interior de São Paulo, mais precisamente em Jarinu, comarca de Atibaia. Após os estudos primários foi matriculado no Seminário Menor de Pirapora, de onde, após cinco anos, foi transferido para o Seminário Provincial de São Paulo, nesse tempo, Faculdade de Filosofia e Teologia agregada à Universidade Gregoriana de Roma. Em 1917 defendeu a tese que lhe valeu a conclusão do Curso de Filosofia, permanecendo mais quatro anos na instituição para se dedicar à formação em Teologia, Direito Canônico e Exegese Bíblica. Durante esse processo estudou grego e hebraico.

Após abandonar a carreira eclesiástica realizou curso de Filosofia na Faculdade de Filosofia São Bento e dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Ensinou Latim, Português e História no Mackenzie College, no Colégio São Bento, no Colégio S. Luís, no Colégio Pan Americano e no Colégio Paulistano, concorrendo em 1929 à cátedra de Português e Caligrafia do Instituto de Educação. Tendo sido classificado em primeiro lugar foi nomeado e ensinou essas duas disciplinas e depois Literatura Portuguesa, por dez anos. Nesse período lecionou também no Ginásio do Estado na Capital.

Em 1939 prestou concurso para a cátedra de Filologia Portuguesa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sendo aprovado. Colaborou em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro durante muitas décadas. Participou da redação dos seguintes jornais: “Jornal do Comércio”, “Folha da Manhã”, “Folha da Noite”, “Platéia”, “Diário Paulista” e “Tarde”.

Pedagogo, crítico, ensaísta, poeta, conferencista, tradutor, especializou-se nas décadas de 40 e de 50 do século XX em pesquisas sobre Filologia e Linguística. Fez conferências na Espanha, a convite do Instituto de Alta Cultura Hispânica e da Academia de Língua Espanhola, assim como em Coimbra e Lisboa. Em diversos momentos de sua trajetória como escritor usou o pseudônimo de Frei Francisco da Simplicidade.

Faleceu em 1988, aos noventa anos. É autor de diversos dicionários, gramáticas e de livros sobre: a literatura brasileira e portuguesa, história da

¹ As observações sobre a trajetória do Professor Silveira Bueno aqui citadas foram retiradas da obra de Luís Correia de Melo (1954, p.110-111).

literatura e filologia. Dedicou-se à oratória, publicando em 1933, *A arte de falar em público*, obra de referência para oradores brasileiros renomados e *Manual de califasia, califonia, calirritmia e arte de dizer*, dedicado ao estudo e aprimoramento da voz. Ao longo de sua trajetória publicou mais de trinta livros e o *Dicionário da Língua Portuguesa*, organizado por ele, foi editado também pelo Ministério da Educação e Cultura, tendo sido distribuído para escolas e bibliotecas nas décadas de 1960, 1970 e 1980.

Segundo Reinaldo Polito, o professor Francisco Silveira Bueno foi “educado na Europa, sempre foi muito religioso e se manteve solteiro. Entre suas maiores façanhas está o fato de que foi professor de português do Papa Pio XII.” (POLITO, 2008).

Autor de *Páginas Seletas* em dois volumes, para a primeira e segunda séries ginásiais femininas e para terceira e quarta séries ginásiais femininas, de acordo com o decreto n.4.244 de 9 de abril de 1942 (Lei Orgânica do Ensino Secundário). Para os meninos ginásianos o autor produziu as *Páginas Literárias*, também em dois volumes, divididos por séries, primeira e segunda séries ginásiais masculinas e para terceira e quarta séries ginásiais masculinas. Esses quatro livros fizeram parte da coleção “*Obras Didáticas para o Ensino Ginásial*” editada pela Saraiva Editora & Livraria Acadêmica, em São Paulo.

No período do Estado Novo, duas leis foram significativas na definição de condições de produção e utilização do livro didático, o decreto 1006, de 30 de dezembro de 1930, e o decreto-lei 8460 de 1945 (cf. RAZZINI, 2000).

A produção de livros didáticos no Estado Novo faz parte de um conjunto de determinações previstas pelas Leis Orgânicas do Ensino que contemplaram separadamente cada um dos “ramos de ensino” existentes no início da década de 1940 pelo então Ministro da Educação Gustavo Capanema. Como indica Hilsdorf,

Dentro das escolas, as “Leis Orgânicas”, procuraram regulamentar o cotidiano de professores e alunos: são visíveis no período do Estado Novo as prescrições de padronização da programação curricular e da arquitetura da escola, do controle do recreio e da disciplina, da adoção das classes homogêneas e do método único de leitura (analítico global), do uso do uniforme, da verificação do asseio corporal, do incentivo à formação de bibliotecas e clubes de leitura, de clubes agrícolas, exposições, jornais escolares, do escotismo, do cinema e rádios educativos, de grêmios e caixas escolares. Elas ecoam, sem dúvida, orientações da Escola Nova defendidas nos anos 20 e 30 (HILSDORF, 2003, p.102-103).

Segundo a Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto n.4.244, de 9 de abril de 1942) esse ramo de ensino seria dividido em curso ginásial de quatro anos e curso colegial de três anos. O curso colegial poderia ser realizado na modalidade de curso clássico ou curso científico. Segundo Veiga,

[...] para o Ministro Capanema, o secundário era o nível por excelência destinado a formar os futuros cidadãos em sua consciência patriótica. Educar para a sociedade foi interpretado como educar para a nação. Nesse sentido, tal objetivo definia um currículo de acentuado conteúdo humanístico, necessário para a preparação das individualidades condutoras do povo e da nação. [...] Prescrevia ainda que preferencialmente a educação secundária para as mulheres deveria se realizar em estabelecimento específico para este fim (2007, p.292).

As Páginas Literárias produzidas por Francisco Silveira Bueno provavelmente foram lidas e estudadas em escolas públicas e particulares, por alunos na faixa etária dos doze aos dezesseis anos. Como explica o próprio autor, em uma nota endereçada aos professores,

De acordo com a portaria ministerial n.170 de 11 de julho de 1942, que pormenorizou a distribuição da matéria lecionável nas séries ginasiais, dentro da última reforma do Exmo. Ministro da Educação e Saúde, Dr. Gustavo Capanema, apresentamos aos nossos ilustres colegas de ensino, estas PÁGINAS LITERÁRIAS. Seguimos à risca as instruções ministeriais, não só na distribuição dos assuntos, tomando as mesmas divisões – FAMÍLIA, ESCOLA e PÁTRIA – preconizadas pelo documento oficial, mas constituímos antologias especiais, dedicadas a classes masculinas onde os trechos, quer em prosa, quer em verso, tratam de incutir na alma do estudante as qualidades que a Pátria e a Religião exigem de seus filhos (BUENO, 1949, grifos do autor).

Medindo 19x12x7cm, o livro Páginas Literárias para o ensino das primeira e segunda séries ginasiais masculinas possui 212 páginas, e está dividido em três partes, de acordo com a seguinte ordem: a família (com 20 lições); a escola (com 14 lições); e a pátria (com 42 lições).² Cada uma das lições é composta por uma leitura literária em prosa e/ou em verso, comentários gramaticais, vocabulário e exercícios relacionados com a produção de composições e testes gramaticais, além do perfil biográfico do autor do texto selecionado. Autores renomados da literatura brasileira e portuguesa ocupam as páginas do livro. Os textos selecionados tratam, em sua maioria, de temas históricos e religiosos, valores morais e patrióticos, normas de conduta, atitudes sociais recomendadas para rapazes entre outras “lições”.

O livro Páginas Literárias (19,5 x 13cm) para o ensino das terceira e quarta séries ginasiais masculinas contém 457 páginas.³ Não possui divi-

² O exemplar analisado é da quarta edição, publicado em 1949. A nota aos professores é datada de 1º. De janeiro de 1943 (provavelmente a data da primeira edição). Este exemplar consultado sofreu interferência, do ponto de vista da materialidade da encadernação, de um de seus donos (foi comprado em um sebo da cidade de São Paulo). Está encadernado em capa dura (vermelha), e tem as iniciais F.P.V.A em letras douradas, bem como o título da obra e do autor com letras douradas no dorso.

³ O exemplar estudado é da primeira edição, publicado em 1943; possui capa dura original da Editora Saraiva e Acadêmica, de São Paulo, e pertenceu ao Dr. Júlio Alencastro Veiga Filho. Neste texto, não foi possível aprofundar a análise sobre esse livro. Foi adquirido em um sebo de Goiânia- GO.

sões temáticas como o exemplar anterior, nem prefácio para os professores. Na sua folha de rosto consta que ele é constituído por “134 leituras em prosa e verso, 537 comentários gramaticais e literários e 534 exercícios práticos.” (BUENO, 1943).

Esse estudo compreende o livro escolar escolhido e os seus usos como fontes de representações de modos próprios de ensinar e aprender, bem como apreender concepções sobre educação, escola, moral, família, pátria e sociedade. A concepção de representação referida associa-se à categoria proposta por Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de competições (CHARTIER, 1990, p.17).

Na análise das Páginas Literárias, como livro escolar,⁴ pretende-se verificar aspectos do ensino e da aprendizagem da Língua Portuguesa e da Literatura, no ensino ginasial, bem como a relação destes impressos com a cultura escolar proposta para o período do Estado Novo, principalmente relacionada com as representações sobre escola. Como ressalta Batista (1999)

[...] investigações têm mostrado que o livro didático e a escola estabelecem relações complexas com o mundo da cultura. Ao contrário da idéia difundida de que os saberes escolares e, particularmente os livros didáticos, consistiriam apenas numa adaptação simplificada, para fins escolares, de conteúdos produzidos no campo da cultura e da ciência, essas investigações vêm evidenciando que a origem desses saberes e objetos é bem mais complexa (cf. por exemplo, Chervel e Bittencourt, 1993) e que muitas vezes, é à escola e a seus livros que se deve atribuir a origem de conhecimentos e saberes apropriados pelas esferas do conhecimento erudito e científico (p.533).

Ao pesquisar o ensino de Português e Literatura no período de 1838 a 1971, Razzini (2000) de forma minuciosa analisa as alterações nos progra-

⁴ Os livros *Páginas Seletas* e *Páginas Literárias* foram denominados de livros escolares, como sinônimos de livros didáticos. Eles fundem os modelos de compêndio (considerado geralmente como livro-texto para consulta), de antologia (coleção de trechos literários selecionados) e livro didático (pois têm também a indicação de exercícios que deverão ser realizados em outro suporte – cadernos ou folhas avulsas). Maiores detalhes sobre a diferenciação dos livros didáticos, consultar, entre outros, Munakata (1997), Batista (1999) e Choppin (1992).

mas de ensino, da carga horária, da organização dessas disciplinas (isoladamente ou associadas a outras disciplinas⁵), da legislação, tendo como locus privilegiado o Colégio Pedro II (Ginásio Nacional) e a produção de antologias, compêndios e livros didáticos. No tocante a Reforma Capanema proposta pela Lei Orgânica do Ensino Secundário destaca Razzini:

[...] As aulas de português, antes restritas ao ciclo fundamental (1932), foram estendidas por todo o curso secundário, aumentando significativamente sua carga horária, de 16 para 23 aulas semanais. O ministro Capanema, na sua “Exposição de motivos”, salientou que: “o estudo da língua, da história e da geografia pátrias - o conhecimento seguro da própria língua constitui para uma nação o primeiro elemento de organização e conservação de sua cultura. Mais do que isto, o cultivo da língua nacional interessa à própria existência da nação, como unidade espiritual e como entidade independente e autônoma. Na conformidade deste pressuposto o ensino da língua portuguesa é ampliado, tornando-se obrigatório em todas as sete séries, com a mesma intensificação para todos os alunos.” (RAZZINI, 2000, p.104).

O aumento da carga horária e o novo programa para o ensino das disciplinas, proposto pela Lei Orgânica e por um conjunto de portarias, vão enfatizar a necessidade da “preeminência da leitura sobre as outras atividades (gramática, exercícios e redação) [...] e a leitura literária [...] foi substituída pela leitura patriótica e nacionalista” (RAZZINI, 2000, p. 104). Os temas a serem enfatizados eram a família, a escola, a terra natal, o amor ao Brasil, entre outros.

O estudo da história das disciplinas escolares no Brasil, segundo montra Circe Bittencourt (2003), tem se desenvolvido a partir da segunda metade do século XX, relacionado com as reformas curriculares efetivadas nas décadas de 1970 e 1980. Para essa autora,

a presença de cada uma das disciplinas escolares no currículo, sua obrigatoriedade ou sua condição de conteúdo opcional e, ainda, seu reconhecimento legitimado por intermédio da escola, não se restringe a problemas epistemológicos ou didáticos, mas articula-se ao papel político que cada um desses saberes desempenha ou tende a desempenhar, dependendo da conjuntura educacional (BITTENCOURT, 2003, p.10).

A pretensão neste estudo é desvendar aspectos dessa trama proposta por Circe Bittencourt (2003), abordando os aspectos epistemológicos, didáticos e políticos ao investigar a proposta do ensino de Português e Literatura efetivada pelo livro *Páginas Literárias*, para o ensino ginásial, publicado pelo Professor Francisco Silveira Bueno, visando a formação de meninos.

⁵ Entre essas associações, Latim, Retórica e Poética; para maiores informações verificar Razzini (2000).

Os “indícios”⁶ localizados demonstram uma preocupação do autor com a legislação, a tradição do ensino de Português e de Literatura com base em antologias de textos clássicos, portugueses e brasileiros, a introdução de autores de diferentes regiões do Brasil, o uso de contos morais e patrióticos, entre outros elementos.

Nunes (1999) ressalta que a Lei Orgânica do Ensino Secundário tinha como finalidades, expressas em seu artigo 1º: “a) formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral do adolescente; b) acentuar e elevar na formação espiritual dos adolescentes a consciência patriótica e humanística; c) dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial” (NUNES, 1999, p.101-102). Na exposição de motivos Capanema se refere diversas vezes à formação patriótica, como possibilidade de “[...] criar no espírito das gerações novas, a consciência da responsabilidade diante dos valores maiores da pátria, a sua independência, a sua ordem e o seu destino.” (apud NUNES, 1999, p.102).

Nesse contexto da legislação educacional, no período do Estado Novo e na perspectiva da investigação dos livros escolares produzidos por Francisco Silveira Bueno é significativo refletir sobre o processo de apropriação da leitura apontada por Chartier:

Os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos que os suportam como em receptáculos, e não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole. Considerar a leitura como um ato concreto requer que qualquer processo de construção de sentido, logo de interpretação, seja encarado como estando situado no cruzamento entre, por um lado, leitores dotados de competências específicas, identificados pelas suas posições e disposições, caracterizados, pela sua prática do ler, e, por outro lado, textos cujo significado se encontra sempre dependente dos dispositivos discursivos e formais - chamemos-lhes “tipográficos no caso dos textos impressos - que são os seus. [...] A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem (CHARTIER, 1990, p.25-26).

Um dos dispositivos relevantes é o fato dos livros Páginas Seletas e Páginas Literárias estarem sendo divulgados dentro de uma coleção de obras didáticas para o ensino ginásial. Em relação a esse aspecto, Toledo (2001) adverte:

O investimento nas coleções, por parte dos editores, tem como objetivo ampliar o público leitor pelo barateamento dos custos de cada livro produzido. A medida em que a característica fundamental da produção de uma coleção é justamente a sua

⁶ O sentido dos “indícios” neste trabalho remete ao Paradigma Indiciário, desenvolvido por Carlo Ginzburg (1989).

padronização em termos de cobertura (capa, lombada, contra-cap), de estrutura interna (estabelece-se um modelo ao qual os textos publicados são submetidos) e das estratégias de divulgação, há um barateamento da produção dos livros nela incluídos. [...] Além disso, há todo um investimento em um aparelho crítico dos livros, que tem como função ou a didatização da obra ou uma sofisticação de sua apresentação. [...] Os sistemas de difusão das coleções também são específicos. O editor não oferece ao leitor um título novo, mas um conjunto de títulos organizados, em uma determinada ordem. (p.3-5).

Foi localizada em obras não didáticas de Francisco Silveira Bueno publicadas pela Editora Saraiva & Livraria Acadêmica a propaganda de seus livros didáticos⁷ em diferentes coleções. A padronização da cobertura e da estrutura interna também foi identificada nos exemplares analisados, bem como a existência do aparelho crítico.

AS LIÇÕES DE “PÁGINAS LITERÁRIAS”: A ESCOLA, A FAMÍLIA E A PÁTRIA

Como foi afirmado anteriormente, Páginas Literárias para o ensino de primeira e segunda séries masculinas está dividido em três partes, das quais a primeira, formada por vinte lições, se refere à família. Autores vinculados à Academia Brasileira de Letras e a outras academias literárias, bem como intelectuais estrangeiros e membros da Igreja Católica estão presentes na seleção realizada por Silveira Bueno, entre eles: Casimiro de Abreu, Antero Figueiredo, Olavo Bilac, Ide Blumesnhschein, Paulo Gonçalves, Heitor Pinto, Olegário Mariano, Paulo Setúbal, Gilberto Amado, Humberto de Campos, Martins Fontes, D. José Gaspar, Malba Tahan, Epíteto Fontes, P. Manuel Bernardes, P. Antonio Tomás, Gustavo Teixeira. Alguns dos autores figuram com mais de um excerto literário.

O lar aparece como tema central de poemas e pequenas crônicas e a figura materna é representada de diferentes formas de maneira recorrente. Nos exercícios, entre outras atividades, encontra-se: 1) saudar a mamãe, no dia de seus anos; 2) fazer o retrato dela. 3) tomar o seguinte assunto para composição: “Como retribuirei, à minha mãe, os favores que me tem feito?” 4) fazer uma bela composição com este título: “O meu maior amor: minha mãe!” (BUENO, 1949).

A menor parte do livro de Francisco Silveira Bueno, com quatorze lições, foi dedicada ao tema escola. Os autores selecionados para essa temática foram: Basílio de Magalhães, Artur Azevedo, Dr. V. Pauchet, Afonso Schmidt, Erasmo Braga, Guilherme de Almeida, Navarro de Andrade, Coe-

⁷ Sobre as relações entre produção e mercado de livros didáticos, vale a pena consultar, entre outros estudos, Munakata (1997). Sobre o mercado de produção de livros e a relação com as editoras verificar, entre outros, Hallewell (1985) e Machad

Iho Neto, Arnaldo Barreto, Guerra Junqueiro. De alguns autores foi escolhido mais de um excerto, como é o caso de: Coelho Neto, Erasmo Braga e Artur Azevedo.

As formas narrativas selecionadas por Silveira Bueno na seção “Escola”, foram sete contos, quatro poemas, dois diálogos e um texto memorialístico. O cotidiano da escola, os exames, os castigos e as brincadeiras infantis são temas tratados com maior frequência.

A escola como “espaço de luz” e os ensinamentos recebidos pelo esforço do aluno como riquezas sólidas são representações recorrentes nas lições apresentadas, como, por exemplo:

A escola é o foco donde a luz radia,
a luz que aclara os tempos e as nações:
ora é a luz que descanta, é cotovia,
ora é centelha de revoluções. (MAGALHÃES apud BUENO, 1949, p.53).

[...] – E onde vos levam passos tão ligeiros?
– À escola.

– Bem feliz sou eu que vivo sobre moedas de ouro neste palácio de colunas de prata, cercado de gozos. Que me importa saber como nasce a planta, por que brilha a estrela e o que houve dantes, que me importa? Sei que tenho tesouros, escravos, leitos fofos de penas onde me estiro preguiçosamente... e que me importa mais? Vai trabalhar e tanto!... tenho pena de ti.

Anos depois, já moço, tornava o menino louro (aquele que ia à escola), a casa de seus pais quando, ao passar no antigo sítio onde, outrora, avultava o palácio, se lembrou do menino que o chamara e pôs-se a procurar os muros fortes, mas só via urtigas e ruínas, erva brava e escombros e uma voz saiu dentre as ruínas:

– Esmola a um pobrezinho, pelo amor de Deus! [...]

– E o menino que nele vivia, que é feito dele?

– Aqui o tendes, senhor, nesta miséria que vedes, sou eu mesmo. Vivo de esmolas, porque nada tenho e nada sei. Tudo quanto eu valia as águas levaram.

O moço louro, ouvindo esses lamentos do infeliz, agradeceu no coração os cuidados paternos e bendisse as noites que passara debruçado à mesa dos estudos; e caminhando dizia:

– Ah! A fortuna eu trago acumulada na cabeça, não a roubarão os ladrões, não a levarão as torrentes, porque as suas bases são mais fortes do que o granito e o mármore. Pobre menino do palácio de ouro! (COELHO NETO apud. BUENO, 1949, p.80-81).

Entre os exercícios propostos após cada lição, além de atividades voltadas especificamente para questões gramaticais e ortográficas, aparecem propostas de composições, como: “Contar uma história de um menino fanfarrão” (BUENO, 1949, p.56), “Os meus brinquedos de menino”; “Contar por escrito: Qual o meu brinquedo predileto”, “Descrever uma partida de futebol”, “Os benefícios e os malefícios do esporte.” (BUENO, 1949, p.65).

Francisco Silveira Bueno parece procurar a cada lição aliar o universo de seus jovens leitores com textos clássicos da literatura brasileira e portuguesa; a cada página um conjunto de valores/virtudes a serem incentivados e de críticas a comportamentos inadequados que deveriam ser abolidos se misturam com atividades e brincadeiras próprias das crianças e jovens daquele contexto.

“Nas recordações de Eduardo Prado”, texto de autoria de Navarro de Andrade, podem-se identificar algumas práticas do ensino de Português e Literatura nas primeiras décadas do século XX:

Meu padrinho, nos dois primeiros dias de minha permanência no Brejão, alterou o seu programa de vida e destinou o tempo entre o café da manhã e o almoço a um exame rigoroso do meu preparo. Seguindo a ordem natural das matérias do curso preparatório, que eu concluíra na Escola Militar, o primeiro exame foi de português. Ainda hoje conservo religiosamente o exemplar, que mais tarde me ofertou D. Veridiana, de “Os filhos de D. João I”, de Oliveira Martins, de que me fez analisar vários trechos. Não achando por onde me pegar, foi buscar “Os Sermões” de Vieira e, por fim, o tira-prosa, “Os Lusíadas”. Foi-lhe difícil esconder o seu contentamento diante da galhardia com que me saí da dura prova, assim como não ocultou o seu pesar na Corografia do Brasil. Queria por força que eu lhe descrevesse as nascentes dos rios brasileiros e eu falhei terrivelmente na sua maioria. (ANDRADE apud. BUENO, 1949, p.69)

Os personagens dos excertos literários selecionados pelo autor em sua maioria são crianças e jovens escolares (do sexo masculino) e seus familiares, os animais e elementos da natureza (principalmente nos contos e fábulas) também estão representados.

A valorização do espaço escolar e dos resultados advindos dos estudos, com a dedicação dos alunos, aparecem aliados à necessidade de respeitar os pais, os mais velhos e a natureza, nas quatorze lições escolhidas por Bueno.

Para a temática Pátria, o autor organizou quarenta e duas lições, cujos autores selecionados foram Don Aquino Correia, Araújo Guimarães, Petion de Vilar, Rui Barbosa, Tamoio Prado, Ribeiro de Albuquerque, Bernardo Guimarães, Vergílio Várzea, Pedro Luís, Cláudio de Sousa, Tarso da Silveira, Felício Terra, Carlos Góis, Arlindo Costa, Emílio Menezes, Raul Pompéia, Pereira da Silva, Gustavo Barroso, Urbano Duarte, Fagundes Varela, César Martinez, J. Norberto da Silva, Visconde de Taunay, Joaquim Nabuco, Cid Franco, Mário Sette, Amadeu de Queirós, Júlio Ribeiro, Catulo da Paixão Cearense, Paulo Gonçalves, Afrânio Peixoto, Artur Azevedo, Tancredo Amaral e Eça de Queirós.

Como nas outras partes do livro, alguns autores são citados mais de uma vez. Além dos autores portugueses, estão presentes intelectuais vinculados à Academia Brasileira de Letras e de diferentes regiões do Brasil. As formas narrativas para tratar do tema Pátria foram: quinze poemas, quinze

crônicas, seis descrições de diferentes cidades brasileiras, quatro narrativas históricas, dois registros biográficos.

O excerto de Rui Barbosa, intitulado “A Pátria”, parece representar as noções que Francisco Silveira Bueno gostaria de ver inculcadas nos jovens alunos:

A pátria é a família ampliada. E a família, divinamente constituída, tem por elementos orgânicos a honra, a disciplina, a fidelidade a benquerença, o sacrifício. É uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas. Multiplicai a família e tereis a pátria. Sempre o mesmo plasma, a mesma substância nervosa, a mesma circulação sanguínea. Os homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade, de que o Cristo lhes dera a fórmula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros [...] Dilatai a fraternidade cristã, e chegareis das afeições individuais às solidariedades coletivas, da família à nação, da nação à humanidade. [...] A pátria não é ninguém: são todos; e cada qual tem no seio dela o mesmo direito à idéia, à palavra, à associação. A pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo; é o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência o lar, o berço dos filhos e os túmulos dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade. (BARBOSA apud. BUENO, 1949, p.100-101)

Vultos históricos, como D. Pedro II e Tiradentes, entre outros, dividem espaços com o bucolismo da zona rural e alguns problemas nacionais, como a pobreza, as enchentes, as secas. Apesar de o autor, considerar nas lições sobre a Pátria a diversidade nacional, incluindo textos que tratam sobre Curitiba, Belo Horizonte, sobre o Sertão e os engenhos, entre outros, são os paulistas e a força dos bandeirantes de forma distintiva que têm suas qualidades ressaltadas. No texto de Cláudio de Sousa, intitulado “A epopéia dos bandeirantes”, ressalta-se a descrição da força e da hombridade dos “semideuses”:

A odisséia dos paulistas é prodígio de semideuses, pois mal armados e sem auxílio estranho, se aventuraram ao desconhecido, ao âmago de todos os perigos, à vertigem dos mais tremendos lances ao dédalo dos mais imbricados pélagos, onde deviam combater mil minotauros, disputando a terra ao índio e à fera. Partiam aqueles bandeirantes, mal contendo no peito os dois impulsos: o da aventura, que os chamava para o sertão, e o do amor, que das pálpebras aljofradas de lágrimas da esposa e dos filhos tentava retê-los nos longos abraços da despedida. Mais certos do sofrimento, do martírio e da morte que da vitória, despediam-se talvez para sempre daqueles semblantes queridos - flores com que o sentimento lhes ajardinara a estrada cruel da vida - arrancando-se dos braços da ternura para os sertões da aflição (SOUSA apud. BUENO, 1949, p.115)

Os elogios aos bandeirantes e aos vultos nacionais se misturam com exercícios de composições que expressam a preocupação do autor com o amor à pátria e a preocupação com o “serviço à nação”.

Entre as indicações para os exercícios de composição, encontram-se: "Como sonhas o futuro do Brasil", "A abolição da escravatura", "D. Isabel, a redentora", "Saudação à Bandeira", "A Glória de Tiradentes", "Pertencemos à descendência de Tiradentes", "A tranquilidade da vida no campo", "Recordações de quando vivias no interior", "Os valentes bombeiros", "A minha terra natal", "Devemos ser gratos ao nosso primeiro mestre", "O despertar da cidade", "Os benefícios de levantar cedo", "D. Pedro I, o libertador do Brasil", "São Paulo e o grande feito da Independência do Brasil", "Como te prepara para o serviço do Brasil?".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podem-se perceber algumas relações entre as lições propostas pelas Páginas Literárias para o ensino de primeira e segunda séries ginasiais masculinas e as determinações estabelecidas na Lei Orgânica do Ensino Secundário, da Reforma Capanema, uma vez que no documento legal havia uma preocupação com a formação integral e com a estruturação da consciência humanística e patriótica, bem como, com a preparação intelectual para a continuidade de estudos. Como foi possível evidenciar, esses objetivos parecem servir como "pano de fundo" para a seleção dos textos literários realizada pelo Professor Bueno.

Observa-se também recorrência na escolha dos autores para o livro produzido para as quatro séries ginasiais masculinas. No caso do segundo livro, ele não se encontra dividido em partes (Família, Escola e Pátria), mas os textos sobre vultos e fatos históricos, os excertos sobre temas religiosos, as crônicas sobre o cotidiano e as lições morais também retratam, de certa forma, os vínculos familiares, a função social da escola e a importância dos valores patrióticos.

Apesar de nos livros indicados para as meninas do curso ginasial, Francisco Silveira Bueno não explicitar na nota aos professores aspectos de diferenciação da formação feminina, como fez nas Páginas Literárias, em relação à formação masculina, encontram-se nas lições das Páginas Selecionadas algumas prescrições e advertências específicas, como, por exemplo: "[...] nota-se em todo este conto o abuso dos diminutivos, um dos defeitos da linguagem feminina e caseira: as moças não conhecem mais o emprego do grau normal, sendo tudo dito no diminutivo." (BUENO, 1943b, p.401-402). Ou ainda:

[...] na conversação das moças e de muitas alunas de colégio há uma frase que todas repetem mais de mil vezes, frase totalmente sem sentido algum [...] Urge acabar com esta pobreza de termos e de expressões. O meio único está na leitura

atenta de bons livros, coisa que a maioria das alunas não faz e, por isso mesmo, jamais consegue falar com alguma correção. (BUENO, 1943b, p.395).

Foram localizados exemplares dos livros de Silveira Bueno em sebos de diferentes cidades brasileiras e com maior recorrência nos seguintes Estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pernambuco, Paraíba, Ceará, o que permite inferir a circulação ampliada dos livros do autor, que se preocupou, por meio de excertos literários e exercícios de composição, formar os meninos do Brasil, nos anos 40 do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos impressos e livros didáticos. ABREU, Márcia (Org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras/ Associação de Leitura do Brasil/São Paulo: FAPESP, 1999. p. 529- 575.(Coleção Histórias de Leitura).
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Disciplinas Escolares: história e pesquisa. In:OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; RANZI, Serlei Maria Fischer (Orgs.) *História das disciplinas escolares no Brasil*: contribuições para o debate. Bragança Paulista: CDAPH/EDUSF, 2003. p.9-38.
- BUENO, Francisco Silveira. *A arte de falar em público*. Retórica e Eloquência. Acadêmica, parlamentar, forense e eclesiástica. 2.ed. São Paulo: Livraria Acadêmica; Saraiva & Cia, 1938.
- _____. *Páginas Seletas*. 1ª e 2ª séries ginasiais femininas. 2. ed. São Paulo: Livraria Acadêmica/Saraiva & Cia, 1943a .
- _____. *Páginas Seletas*. 3ª e 4ª séries ginasiais femininas. São Paulo: Livraria Acadêmica/Saraiva & Cia, 1943b .
- _____. *Páginas Literárias*. 1ª e 2ª séries ginasiais masculinas. 4.ed. São Paulo: Livraria Acadêmica/Saraiva & Cia, 1949.
- _____. *Páginas Literárias*. 3ª e 4ª séries ginasiais masculinas. 4.ed. São Paulo: Livraria Acadêmica/Saraiva & Cia, 1943.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *Revista História da Educação*. Pelotas: UFPel, p.5-24. 2002.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p. 143-179.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil, sua história*. São Paulo: EDUSP/ T. A. Queiroz, 1985.
- HILSDORF, Maria Lucia Spedo. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- MACHADO, Ubiratan. *A etiqueta de livros no Brasil: subsídios para uma história das livrarias brasileiras*. São Paulo: EDUSP/Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. São Paulo: Serviço de Comemorações Culturais, 1954.

MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. (Tese de Doutorado em História e Filosofia da Educação)

NUNES, Maria Thetis. *Ensino secundário e sociedade brasileira*. São Cristóvão: UFS, 1999.

POLITO, Reinaldo. *Há livros que transformam uma vida*. Vencendo a comunicação. Edição 65. Disponível em: <http://www.vencer.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2008.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. *O espelho da nação: a Antologia nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. 2. vol. 2000. Tese (Doutorado em linguagem) – Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. 2001. Tese (Doutorado em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo:

VEIGA, Cynthia Greive. *História da Educação*. São Paulo: Ática, 2007.